

## **“Camadas tempo-espaciais na literatura de viagem contemporânea: o caminhar de um escritor em direção a um outro”**

**Prof. Dr. Humberto Fois Braga**

Se, como sugere Fernández-Armesto (2009), o mundo já se encontra esquadrinhado, mapeado e explorado, como os autores contemporâneos de literatura de viagem constituem estratégias retóricas sobre o “deslumbramento” e a “alteridade” em suas obras, posto que esses discursos são topoï que caracterizam as narrativas de deslocamento? Em outros termos, como e para onde os narradores de determinadas literaturas de viagem estão se deslocando para construir o discurso do ineditismo?

Se a Terra já foi percorrida, e na impossibilidade de nos direcionarmos para outros planetas, percebemos que determinados escritores-viajantes estão construindo a originalidade e o encantamento do mundo a partir da sobreposição de camadas temporais nestes espaços previamente escrutinados: nossa hipótese é a de que determinadas obras estão buscando (re)construir a retórica do ineditismo a partir de uma “viagem ao passado alheio”, justapondo espaços, personagens e escritores de ontem com os de hoje. Em outros termos: os escritores-viajantes estão buscando a alteridade não somente nas terras que percorrem, mas também no corpo-texto dos escritores-viajantes de antanho, colocando estes como mediadores e interlocutores em suas experiências de percorrer o mundo. E nesta sobreposição textual, os narradores de hoje travam diálogos com os de ontem, promovendo uma dialogia entre as obras.

Sendo assim, o objetivo da pesquisa é de “compreender como o narrador da literatura de viagem contemporânea refaz e reescreve a viagem alheia (ou própria), como forma de buscar a si a partir do diálogo com outros escritores-viajantes temporalmente deslocados e que se posicionam tanto como anfitriões nos trajetos quanto como hóspedes nos textos. Para tal, serão analisadas as obras: *Latitudes azuis: incursões audaciosas aos lugares por onde passou o capitão Cook* (Tony Horwitz, 2002), *Trem fantasma para a estrela do Oriente* (Paul Theroux, 2008); *Le désir ultramarin: les marquises après les Marquises* (Michel Onfray, 2017) e *Souviens-toi de ton avenir* (Anne Dufourmantelle, 2017)”.

Nosso intuito é de compreender como o refazimento dos passos dos antecessores permitem diálogos entre viajantes temporalmente deslocados. E, então, traçamos algumas premissas que servirão como balizadores para o desenvolvimento da pesquisa: (i). o escritor-viajante de ontem é, ao mesmo tempo, um anfitrião no trajeto que seu leitor percorre e um hóspede no texto que este escreve hoje; (ii). o leitor de ontem torna-se um viajante-escritor que se posiciona como discípulo rebelde, promovendo “ecos performáticos” nos seus escritos, pois ao mesmo tempo que ele segue os passos de seu mestre, ele também promove desvios que caracterizam sua independência; (iii) nas obras de Michel Onfray, Tony Horwtiz e Paul Théroux, bem como naquelas que funcionam como relatos-referentes destas, há uma sobreposição de enunciações que se pautam em um “pacto autobiográfico” (LEJEUNE, 2008); logo, nestas narrativas contemporâneas de viagem, a escrita de si passa pela escrita do e sobre o outro; (iv). esta retórica do “refazimento dos passos daqueles que foram, viram e escrevem antes” indica uma estratificação cronotópica nas narrativas de viagem, o que sugere uma discussão sobre a “transtextualidade” (GENETTE, 1982), “angústia da influência” (BLOOM, 1991) e “anarquivamento de arquivos” (DERRIDA,

2001); (v). se, por um lado, estes escritores de hoje refazem o trajeto e o texto daqueles que “foram antes”, como podemos inverter esta ação de causa-consequência e sugerir que houve um “plágio por antecipação” (BAYARD, 2008) nas obras daqueles que “vieram antes”? Ou seja, cremos que o diálogo travado pelo escritor contemporâneo lança uma outra compreensão das obras-primas: é pela viagem e seu relato de “segundo nível” que estes narradores contemporâneos estão buscando compreender o mundo, partindo do princípio de que o passado não é dado, deve ser revisto e atualizado pelas alteridades dos percursos presentes; (vi) a obra de Anne Dfourmantelle se posiciona como uma metalinguagem de todas as discussões que nos propomos a realizar nesta pesquisa.